



## A ESCUTA INVENTIVA DE PROFESSORES NA PANDEMIA: QUEM É ESSE SUJEITO QUE EDUCA?

**Roniél Sousa Damasceno**

Universidade Federal do Delta do Parnaíba  
ronielsousa1@gmail.com

**Marília Albuquerque de Sousa**

Centro Universitário INTA  
mariliaadesousa@hotmail.com

**Ana Carolina Borges Leão Martins**

Universidade Federal do Ceará  
carolinablmartins@gmail.com

### Resumo

Este artigo reflete sobre os significados que os professores da Educação Básica expressam sobre o ensino virtual durante a pandemia da COVID-19. Estruturalmente, o texto apresenta um relato de experiência de uma atividade de extensão de estudantes do curso de psicologia no formato virtual realizada com educadores de uma escola pública do interior nordestino, em junho de 2020, cujo resultado mobiliza a discussão sobre como a virtualização do ensino acentuou a precarização do trabalho docente e afetou negativamente a saúde mental dos professores. Como resposta a tal cenário, propomos o resgate da condição de sujeito dos educadores, interpelando-nos a uma experiência de invenção e de escuta coletiva na interface da psicologia escolar com a psicanálise; articulação esta que desvela a posição crítica e política dos professores nos processos escolares. Salienta-se, por fim, a possibilidade de sustentação das práticas educativas pela via da coletividade, com vistas à emancipação dos sujeitos, seja nas escolas como nas universidades públicas.

**Palavras-chave:** Pandemia; COVID-19; Professores; Psicanálise; Psicologia Escolar.

## THE INVENTIVE LISTENING OF TEACHERS IN PANDEMIC: WHO IS THIS SUBJECT THAT EDUCATES?

### Abstract

This article reflects on the meanings that Basic Education teachers express about virtual teaching during the pandemic of COVID-19. Structurally, the text presents an experience report of an extension activity of psychology students in the virtual format carried out with educators from a public school in the northeastern interior, in June 2020, the result of which mobilizes the discussion on how the virtualization of teaching has accentuated the precariousness of teaching work and negatively affected teachers' mental health. As a response to such scenario, we propose the rescue of the condition of subject of educators, calling ourselves to an experience of invention and collective listening at the interface of school psychology and psychoanalysis; an articulation that unveils the critical and political position of teachers in school processes. Finally, we emphasize the possibility of sustaining the educational practices through collectivity, aiming at the emancipation of the subjects, both in schools and in public universities.

**Keywords:** Pandemic; COVID-19; Teachers; Psychoanalysis; School Psychology.

## LA ESCUCHA INVENTIVA DE LOS PROFESORES EN LA PANDEMIA: ¿QUIÉN ES EL SUJETO QUE EDUCA?

### Resumen

Este artículo reflexiona sobre los significados que los profesores de Educación Básica expresan sobre la enseñanza virtual durante la pandemia del COVID-19. Estructuralmente, el texto presenta un relato de experiencia de una actividad de extensión de estudiantes de psicología en el formato virtual realizada con educadores de una escuela pública del interior nordestino, en junio de 2020, cuyo resultado moviliza la discusión sobre cómo la virtualización de la enseñanza ha acentuado la precariedad del trabajo docente y afectado negativamente la salud mental de los profesores. Como respuesta a este escenario, proponemos el rescate de la condición de sujeto de los educadores, convocándonos a una experiencia de invención y escucha colectiva en la interfaz de la psicología escolar con el psicoanálisis; esta articulación revela la posición crítica y política de los docentes en los procesos escolares. Finalmente, destacamos la posibilidad de sostener las prácticas educativas a través de la colectividad, apuntando a la emancipación de los sujetos, tanto en las escuelas como en las universidades públicas.

**Palabras clave:** Pandemia; COVID-19; Profesores; Psicoanálisis; Psicología Escolar.



## INTRODUÇÃO

Em 2020 presenciamos mudanças radicais nos setores da sociedade em decorrência do surgimento de um vírus com rápida taxa de contágio e com histórico de mortalidade alta, atacando diretamente as vias respiratórias. A pandemia da COVID-19 apresentou novos dilemas para a vida humana e “tem nos oferecido a possibilidade de pensar e de perceber as coisas de outra maneira “(KOHAN, 2020a, p.5).

Diante dessas mudanças, muitos níveis da vida social tiveram suas atividades interrompidas, suspensas ou reformuladas, como fora o caso da educação que, no transcurso dos dias pandêmicos e dos debates institucionais, viu-se adaptando as práticas de escolarização ao ensino virtual (PEREIRA; NARDUCHI; MIRANDA; 2020). A partir disso, as múltiplas e diversas escolas públicas brasileiras adentraram às plataformas virtuais, isto é, “as aulas seriam ‘dadas’, de forma remota, usando do ensino à distância, também para os estudantes da Educação Básica, dentre eles os alunos e alunas da Educação Infantil e Ensino Fundamental” (MONTEIRO, 2020, p. 239).

Não foi diferente com o ensino superior, com a oficialização do cenário de pandemia da COVID-19 muitas universidades públicas suspenderam suas atividades e, posteriormente, retornaram-nas no modelo virtual de ensino. Como bem assinala Arruda (2020): “Já as universidades públicas ainda se encontram majoritariamente com aulas presenciais suspensas, algumas inclusive com aulas a distância na mesma condição” (p.262).

De modo geral, manter estas atividades nas plataformas virtuais é custoso à nível estrutural, por conta da necessidade de conectividade via internet, como também pelo acesso a aparelhos como computadores, celulares, notebooks, por exemplo. Assim, dias, semanas e meses foram reservados para pensar novas estratégias pedagógicas tanto para manutenção das aulas nas salas virtuais quanto para se fazer pesquisa e extensão universitária no modelo remoto.

Em nosso caso, no projeto de extensão a partir do qual se produziu o presente relato de experiência, empreendemos diversos e longos debates, assim como encontros de supervisão com nossa professora coordenadora, no formato online. Através dos quais refletíamos coletivamente como seria possível a retomada das atividades de extensão. Isso em diálogo constante com os encontros formativos, cuja estruturação deu-se prioritariamente direcionada para pensar o novo contexto vivido pela educação, desde as exigências de adaptação das escolas públicas ao ensino remoto até a reflexão de como e onde estariam os educandos, educadores e gestão escolar.

Nesses encontros de ensino, debatemos a respeito de como as escolas tiveram que suspender todas as suas atividades presenciais e foram convocadas a manter o ensino à distância,

## A escuta inventiva de professores na pandemia: quem é esse sujeito que educa?

ou seja, naquele momento já não era mais possível manter os modelos padrões de ensino-aprendizagem presenciais. Ademais, a socialização do saber e dos afetos como forma de educar foi escamoteada pela insurgência das diversas e múltiplas plataformas digitais. Nas palavras do filósofo e educador Walter Kohan, “[...] em um sentido, então, o vírus decretou uma morte, pelo menos temporariamente, das escolas: as deixou sem vida interna, sem cheiros, sabores, sem ar” (2020a, p.5).

Esse contexto que vive a educação brasileira trouxe dilemas e amplos conflitos para a prática dos/as professores/as de todo o país, pois, se o cotidiano escolar já se constituía como palco de tensões, neste momento, as diversas salas virtuais inauguram novos tensionamentos para a prática docente.

Quem é esse sujeito que educa?

Trata-se de uma pergunta que interpela a uma invenção, a uma escuta, cuja articulação desvela a dimensão política do ato educativo, isto é, de sujeitos ativos e críticos do/no processo de educar. Trabalho que é fruto das vivências de professores/as na pandemia, com os/as quais tivemos momentos de compartilhamento de experiências que foram possibilitados por meio da construção de espaços virtuais de fala e escuta, cuja constituição se deu pela disponibilidade afetiva, atenciosa, sensível e responsável com o que estava sendo experienciado coletivamente, de modo que esses sujeitos pudessem expressar os conflitos e contradições vividos com as novas configurações de seu fazer educador no contexto pandêmico.

A inventividade de um trabalho de escuta dos sujeitos educadores num período emergente trouxe novas configurações para a nossa prática extensionista, ao mesmo tempo formativa de psicólogos/as escolares, pois o ato de escutar os/as professores/as nos mobilizou a assumir uma posição de escuta atenta e verdadeira, a qual, conforme Kohan (2019, p.2), “exige uma disponibilidade permanente em relação ao outro”. Em diálogo com Paulo Freire, essa escuta também deve ter:

[...] qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto de alegria, gosto da vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça (FREIRE, 2011, p.118).

Neste presente relato de experiência apresentamos a metodologia das intervenções em extensão universitária realizadas com professores/as da rede pública de ensino, à luz de discussões acerca das experiências de educar na pandemia, passando pelos modos como esse contexto emergente implicou a prática pedagógica escolar e as ações em extensão universitária. Propomos, assim, refletir sobre os significados que os sujeitos educadores expressam sobre seu exercício de ensino nos novos modelos educacionais virtuais.

## **METODOLOGIA: INVENTAR PERGUNTAS, INVENTAR ESCUTA, COMO? POR QUÊ?**

A experiência narrada neste trabalho é fruto do contexto atípico da pandemia da COVID-19 e da necessidade de manter o vínculo - mesmo que virtual - com a escola cuja parceria de trabalho com a extensão já estava consolidada. Diante disso, para retomar as atividades com a instituição, contatamos a gestão da escola com o objetivo de investigar e acolher as novas demandas que surgiram com a pandemia e com o ensino remoto. Nesse primeiro contato, a diretora nos atualizou sobre o andamento das atividades, pois o semestre letivo não havia sido interrompido e já estava chegando ao seu final.

As aulas da escola foram mantidas através das plataformas do *Google*, então os professores precisavam dominar minimamente as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) para dar continuidade ao semestre. Nesse cenário, a gestora nos apontou a dificuldade enfrentada pelos professores/as da instituição escolar em questão, pois os desafios eram constantes e, frequentemente, ela recebia queixas destes profissionais. Então, após esse primeiro momento de acolhimento, propusemos uma oficina com tais professores/as, tendo como objetivo possibilitar um momento de escuta coletiva das experiências dos docentes em tempos de pandemia.

Essa estratégia de escuta coletiva foi oportunizada pelo projeto de extensão *Psicanálise, Política e Educação*, vinculado ao Laboratório de Práticas e Pesquisas em Psicologia e Educação (LAPPSIE), do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - *campus* Sobral. Este que tem como objetivo acolher a demanda endereçada pelas escolas de ensino básico tanto municipais quanto estaduais, além de desenvolver a formação dos estudantes universitários na área de psicologia escolar e educacional. A extensão é fundamentada na articulação das três grandes áreas *Psicanálise, Política e Educação*, tendo em vista a nossa aposta na escuta analítica dentro da escola como forma de abordar o mal-estar a partir da circulação da palavra (LERNER *et al*, 2014), bem como na dimensão política do trabalho dentro das instituições escolares.

A ação de extensão que será exposta neste relato de experiência foi inserida na Semana Pedagógica da Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) - que acontece todo início e final de semestre - e foram contemplados trinta e quatro (34) professores e professoras e uma (01) gestora escolar. A oficina aconteceu de modo remoto, em junho de 2020, através da plataforma online do Google Meet™, e foi estruturada a partir de dois disparadores para a discussão.

Inicialmente, lemos o poema “A dor que mais dói”, da poeta Martha Medeiros, e, logo em seguida, colocamos a pergunta: “Como tem sido para vocês a experiência de ser professor e professora durante esse período de pandemia?”. Ao longo da oficina, fomos retomando a

## A escuta inventiva de professores na pandemia: quem é esse sujeito que educa?

pergunta inicial e colocando novas perguntas com o objetivo de convocar os professores a interrogarem-se acerca de sua prática no contexto da pandemia, compartilhando as experiências singulares uns com os outros, na tentativa de coletivizar as questões e de buscar saídas diante dos impasses colocados pelo ensino remoto.

A aposta na pergunta como metodologia das nossas oficinas se fundamenta em seu efeito provocador de pequenas e grandes revoluções (FREIRE; FAUNDEZ, 2017), que nos adverte para não cairmos no erro de apenas repetir, quando podemos inventar (KOHAN, 2020b). Tanto a pergunta quanto a palavra foram nossos instrumentos de trabalho, pois sustentam o caráter ético e político de nossas ações de extensão dentro das instituições escolares, descristalizando as práticas que aprisionam os sujeitos e operando como “auxiliar de produção de rachaduras” (KUPFER, 2010).

Atrelado às perguntas e ao trabalho que se sustenta pela política da palavra, arriscamo-nos a aceitar a novidade posta pela pandemia ao contexto da educação escolar e à extensão universitária e, com isto, inventamos uma prática em psicologia escolar. A escuta inventiva de professores/as em tempos de pandemia, alicerçou-se nas potências das perguntas, dos afetos, do coletivo, da solidariedade e, sobretudo, no movimento pedagógico e político que o ato de inventar traz para o campo educacional. Nesse sentido, Kohan (2020b) trouxe uma contribuição ímpar em nosso trabalho de extensão, ao significar que a invenção:

[...] está relacionada ao verbo ‘inventar’, que significa, por um lado, criar, ser original, trazer algo novo ao mundo. Vimos como esse sentido é muito forte nos escritos de Simón Rodríguez. Para o louco lúcido, América é terra de invenção, criação original. Sem dúvida, para ele, inventar em América diz respeito a trazer algo novo ao mundo. Ao mesmo tempo, a palavra ‘inventar’ tem uma etimologia que pode ajudar a potenciar o seu sentido. Etimologicamente, invenção vem do latim *inventus* conformado pelo participio passivo *ventus* do verbo *venire*, que significa vir. De modo que *ventus* é o que veio, o que chegou. E o prefixo ‘in’ tem como tradução o português “em”, com o significado de “em”, “dentro”. Neste sentido, inventar é etimologicamente “chegar dentro”. Assim, para inventar é preciso abrir as portas da casa para que os que estão fora possam entrar (KOHAN, 2020b, p. 62, grifos do autor)

Nesse sentido, “abrimos as portas” das nossas ações de extensão e da nossa escrita aos/as leitores/as com os/as quais desejamos contribuir apresentando a experiência da referida intervenção com os/as professores/as a partir da retomada dos diários de campo redigidos pelos extensionistas e das discussões realizadas em supervisão com a professora coordenadora da extensão. Em consonância, traremos alguns autores que nos auxiliarão na análise dessa experiência, tais como Achille Mbembe (2020), Arruda (2020), Monteiro (2020) e Paulo Freire (2011), além de excertos de reportagens a respeito da prática docente na pandemia.

## RESULTADOS E ANÁLISES

As ações de extensão universitária direcionadas ao cotidiano das escolas públicas desvelam para nós, estudantes de psicologia, um campo propício de atravessamentos institucionais, políticos e sociais, sem os quais, assim acreditamos, durante o período formativo, não conseguiríamos sentir o pulsar de vida que existe dentro das instituições escolares. O que queremos, nesse início, é destacar a importância que o exercício extensionista assume na formação universitária, pois o contato com a comunidade e a atitude de estender-se para fora dos muros acadêmicos abre novas possibilidades de compreensão do mundo, das pessoas e da sociedade.

Dessa maneira, enquanto equipe de extensão, nossa inserção em instituições educacionais, com o intuito de iniciar um trabalho em psicologia escolar, revelou-se uma atitude inquietante, devido ao desconhecimento da atuação de psicólogos/as escolares nas escolas do município de Sobral, localizado no interior do Estado do Ceará. Ao mesmo tempo, contraditória dada as particularidades presentes no cotidiano das instituições educacionais, visto que ao entrar na escola encontramos diversos sujeitos que, assim como nós, tecem e desejam construir uma perspectiva sobre as práticas escolares e novas estratégias de trabalho pedagógico-institucional para a educação escolar.

Através desses encontros e desencontros institucionais aprendemos a olhar a escola em diálogo constante com esses atores e atrizes da educação, planejando ações extensionistas e executando-as com a pretensão de que suas vozes e seus corpos encontrassem espaços de escuta e ressonância institucional. Assim, apostando em uma psicologia escolar engajada e comprometida ética e politicamente com os sujeitos escolares, possibilitando a ruptura com práticas educacionais que impedem a livre circulação das vozes institucionais (KUPFER, 2010).

Percebemos como estas práticas cristalizam a escola, reduzindo-a a papéis de objetificação das vidas que nela habitam diariamente. Nossas idas à escola foram marcadas pelos sentimentos de indignação e raiva, em especial pela forma como a instituição e a agenda escolar lidava com as queixas dos alunos/as, renegando-as ao silenciamento, em muitos casos, sob o formato de patologias ou padrões comportamentais carregados de estigmas e preconceitos sociais.

Foi com lástima que, na contramão desse fluxo, em março de 2020, tivemos que interromper esse trabalho institucional devido ao iminente contexto de pandemia da COVID-19. Em nossos momentos de supervisão, junto à professora coordenadora do projeto, muitos questionamentos surgiram a respeito da manutenção das ações com a referida escola, dentre os quais: Como construir ações de extensão sem o território escolar? É possível construir uma

## A escuta inventiva de professores na pandemia: quem é esse sujeito que educa?

psicologia escolar sem os corpos dos sujeitos da educação? Como agir/atuar nas plataformas virtuais? O que fazer com elas? Onde e como estão os alunos/as e professores/as?

E no enleio dessas questões e das provocações postas pelas leituras, assim como, das discussões coletivas oportunizadas pelo grupo de estudos do projeto de extensão, decidimos, coletivamente, pela retomada das ações na escola. Esta decisão se assumiu por meio da oferta de espaços no formato online para os/as professores/as, de modo que esses pudessem significar suas experiências no modelo de educação virtual, compartilhando-as com os pares, escutando-as e endereçando esses relatos ao coletivo de educadores participantes das oficinas virtuais. Isto através da aposta de um trabalho que ensaiou intervenções que se alicerçaram na escuta coletiva, ao recolocar a palavra em circulação, indo de encontro com as mobilizações de evocação e transferência discursiva (KUPFER, 2010; LERNER *et al*, 2014).

Em consonância, acreditamos num trabalho que se balizou pela formulação de perguntas, questionamentos que evocaram um chamado ao coletivo, ao resgatar a condição reflexiva dos sujeitos e sua reposição enquanto ativos na prática educativa, cuja criticidade “implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2011, p.39). Nosso trabalho com perguntas mostrou-se mobilizador ao reposicionar discursos institucionais, ao passo que inquietava os corpos dos/as professores/as a saírem do lugar comum.

Um lugar cuja construção política e institucional, assim, notamos, individualizou a prática docente, objetificando o/a professor/a, tornando este sujeito único e exclusivamente responsável pela manutenção das atividades escolares. Como se verá adiante, nossa experiência desvelou as contradições que perpassam o fazer docente no Brasil e o descrédito que as políticas institucionais assumem com os/as professores/as, esquecendo dos seus direitos enquanto profissionais da educação e das limitações impostas pelas precárias condições laborais.

Partindo disso, nos primeiros contatos com os sujeitos docentes foi possível sentir nas telas virtuais a(s) ausência(s) dos corpos que, como frisa Achille Mbembe (2020), não têm direito à respiração em tempos de pandemia. Este aspecto que não se reduz ao calculável, tampouco, trata-se de uma dimensão estritamente biológica. O autor supracitado que cunhou o conceito de necropolítica para dar nome às políticas de estado racistas que fazem morrer aqueles que são cotidianamente desumanizados, violentados em sua mais condição de maior precariedade, a saber, a humanidade. Nesse aspecto, é dessa desumanização que tomamos como parâmetro para pensar em conjunto com o autor acerca do direito à respiração. De acordo com Mbembe (2020), o “direito universal à respiração” compreende-se:

## A escuta inventiva de professores na pandemia: quem é esse sujeito que educa?

Como aquilo que é a um só tempo fora do solo e nosso solo comum, o direito universal à respiração não é quantificável. Não pode ser apropriável. É um direito em relação à universalidade não só de cada membro da espécie humana, mas do vivo como um todo. Deve, portanto, ser entendido como um direito fundamental à existência. Como tal, não pode ser objeto de confisco, e escapa à toda soberania porque sintetiza o princípio da soberania em si mesmo. Trata-se, ademais, de um direito originário de habitar a Terra, própria da comunidade universal de seus habitantes, humanos e outro (MBEMBE, 2020).

Nesse sentido, a inexistência de condições para respirar - que no ensino virtual representa o contexto de adaptação forçada das práticas educativas às plataformas digitais - é expressa pela prática de professores e professoras que assumem rotinas de trabalho custosas, tanto do ponto de vista da disponibilidade de materiais, tempo e manuseio das tecnologias, como pelos episódios estressantes dada a precarização das limitações de trabalho ofertado. Em muitos relatos, repetiu-se a falta de apoio material aos docentes para ministrar suas aulas remotas. Em registro de campo feito pelos autores, podemos notar isso posto:

[...] uma professora relatou ter dificuldade na manutenção das aulas online devido ao fato de ter que dividir o acesso à internet com seu marido que também é professor, alega não ocupar o lugar de solicitar ao marido que pare sua aula para que ela possa continuar com a sua, e isto porque dois ministrando aula ocasionam travamentos constante da internet, dificultando, assim, a continuação de suas aulas (DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Com isso, percebemos a fragilidade dos discursos que tornam os/as professores/as heróis e heroínas da educação durante a pandemia, como querem nos fazer acreditar as informações veiculadas pela mídia que normalizam a precarização do trabalho docente confundindo-a com suposto “heroísmo”, ou mesmo, tomando este período emergente como momento potente para “reinventar” a prática educativa.

Em 2020, a pandemia da covid-19 modificou a rotina de vários profissionais e com os professores não foi diferente. Quase que de um dia para o outro, a sala de aula foi substituída pela tela do computador ou celular, e os professores se viram diante de algo inédito: o fechamento das escolas públicas e particulares. Essa paralisação, no entanto, não representou o fim das atividades escolares. Pelo contrário. Muitos reboaram para dar conta das atividades do ano letivo. Em meio aos desafios, conhecemos verdadeiros "heróis" (TORRES, 2020).

Planeja. Expõe conteúdo. Tira dúvidas. Avalia. Conversa. Incentiva. Vibra? As múltiplas competências de um professor, sejam elas técnicas ou humanas, não findam aí. Além do esforço intelectual, já atrelado ao exercício da profissão, a pandemia de Covid-19 também exigiu dos docentes a capacidade de reinventar-se para o trabalho remoto, até então desconhecido por uma extensa parte da categoria. Incluir novas ferramentas pedagógicas, superar limites físico-emocionais e, sobretudo, estar presente ainda que longe. Tudo isso sem tempo suficiente de treinamento e diante do novo coronavírus, que trouxe à baila medos, incertezas, lutos e superações (MESQUISTA, 2020)



## A escuta inventiva de professores na pandemia: quem é esse sujeito que educa?

Diante disso, o que nos implica ao escutar professores de escola pública é a seguinte questão: como reinventar-se se não houve, e não foi possível, até o momento, o inventar-se com apoio de políticas públicas e as mínimas condições para manutenção das escolas à distância?

Como resposta encontramos que há um projeto de desresponsabilização do Estado pela educação e pelas escolas públicas deste país, cristalizando a educação em tempos de pandemia e além. Essa cristalização prescinde que os educadores, entre uma sala virtual e outra, sejam sentidos e lidos enquanto sujeitos do ato educativo.

Esses que, mesmo com o descrédito de seu fazer educador, insistem diariamente em lutar pela manutenção de uma educação de qualidade que, em nossa perspectiva, não se sustenta em contextos de precarização do trabalho docente e da gestão. Como se pode notar em registro de campo:

[...] Uma professora também denunciou que houve/há flexibilização neste período para os alunos, o que não ocorreu com os professores, alega se sentir cansada e não “escutada” pela secretaria estadual de educação, dando uma pausa para destacar que pela gestão escolar é escutada, mas que não se contenta somente com isso, pois a própria gestão também recebe tarefas a serem cumpridas sem o mínimo preparo do corpo docente. E quando essa professora trouxe a demanda da flexibilização, reatualizou a não preocupação daquela secretaria com sua saúde mental, pois relatou viver processos de ansiedade, sentindo efeitos tanto do período de pandemia como pelas exigências educacionais (DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Nesse sentido, percebemos a necessidade de espaços que possibilitem a reflexão sobre a prática que suscite construções de propostas governamentais, viabilizadas por políticas públicas de educação que acolham as demandas da escola atual e dos profissionais que a tecem. A partir da escuta dos professores em nossa ação de extensão, notamos o quanto o Estado tem um papel decisivo na manutenção da educação durante a pandemia, constituindo-se como importante ator escolar.

Nisto está o caráter público e democrático da escola, através dos quais se precisa defender o território escolar e a prática docente, mesmo em contextos adversos como este que se vive na pandemia da COVID-19. Chamar o Estado a assumir seu lugar enquanto ator escolar é implicá-lo na defesa da escola pública e democrática, assim como, responsabilizá-lo pela manutenção da qualidade das condições laborais de professores/as. Realidade esta que nenhuma ação de extensão direcionada ao campo escolar pode prescindir, pois a articulação universidade-comunidade deve ser promotora dessa implicação com o público e o democrático neste país.

No que tange ao Estado, seu silêncio e a sua indiferença perante a precariedade laboral dos profissionais da educação nos apresentam as fragilidades que é construir propostas educativas num período emergente, isto é, sem um mínimo de diálogo político. Não desejamos trazer essa perspectiva para um debate com viés sectário, partidário, mas sim e, sobretudo, para um debate

## A escuta inventiva de professores na pandemia: quem é esse sujeito que educa?

que implique o Estado com o contexto e o rumo da educação a partir da garantia de direitos. É preciso desconstruir a visão amorosa paternalista, redentora e salvífica que constitui o exercício docente na nação brasileira; uma perspectiva que reduz a prática política do/a professor/a ao assistencialismo e às leituras que romantizam o seu labor social.

Em outras palavras, como trabalhadores da educação esses sujeitos, que promovem a construção do saber escolarizado, têm direito às condições estruturais e formativas para manterem suas aulas. E no caso da gestão escolar, apoio psicossocial para que possa elaborar os excessos de gerir uma escola em contextos trágicos como este que se vive hodiernamente. Não obstante, Monteiro (2020, p.248) nos lança questões importantes a respeito do fazer docente na pandemia:

Educar para quê? Fazer esse ensino a distância proposto pelo governo para quê? Que valores estão fundamentando essa prática? Que conteúdos deve ter esse ensino em um momento em que uma pandemia nos coloca cara a cara com a finitude da vida?

Finalmente, nossa experiência mostrou que na pandemia estes profissionais precisam ser assistidos pelas políticas públicas de educação, cuja constituição precisa elaborar espaços de escuta desses atores e atrizes da trama escolar para, assim, construírem propostas condizentes com seus contextos e com suas limitações. Em contraposição, não acreditamos numa educação que se mantenha sem acesso aos educandos em vulnerabilidade socioeconômica, com educadores e gestores escolares adoecidos, com episódios de exaustão física e psíquica. Esta realidade não se sustenta presencialmente e no cotidiano escolar, tampouco se sustentará na virtualização forçada e com o uso das mais sofisticadas tecnologias digitais. Apostamos, com esta experiência, que escutar os educadores, os educandos e a gestão escolar é fazer educação em tempos de pandemia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta sobre o sujeito que educa e todo o percurso de reflexão proporcionado pela experiência relatada neste artigo nos transporta para um campo repleto de outros questionamentos que, como forma de encerramento nunca conclusivo, nos propomos a trazer.

A empreitada de escutar os/as professores/as em meio à pandemia da COVID-19, e frente às profundas transformações no cotidiano e na prática profissional no campo da educação escolar, revelou-se como uma oportunidade de comprovar a potência inventiva da escuta e suas mobilizações subjetivas, além do seu aspecto inerentemente político. Ao longo do relato, notamos que, diante de tantas burocratizações do ato educativo bem como da desautorização dos professores de sua própria prática e do excesso de cursos formativos que ignoram a particularidade da prática docente, etc., a construção e oferta de um espaço de escuta alicerçado na partilha conjunta entre esses profissionais, nos demonstrou que ainda é possível sustentar um saber-fazer que precisa, e pode, ser dito e compartilhado dentro de um coletivo.

Dessa forma, a partir da aposta na ação extensionista, já em si, assim acreditamos, politicamente comprometida com o caráter social e transformador da educação, foi possível insistir nessa tarefa de escuta dos professores e das professoras brasileiras, além de ensaiar a construção de novas metodologias de intervenção, através das tecnologias digitais, no contexto das instituições educativas. Assim, reiteramos nossa aposta na invenção de uma psicologia escolar orientada pela psicanálise diante dos contextos de crise, os quais nos convocam a encontrar novas saídas para a construção de um trabalho que se apoie na coletividade, na circulação da palavra e na construção de vias para a emancipação dos sujeitos, além da idealização de uma educação plenamente democrática e inventiva.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de COVID-19. **EmRede: Revista de Educação a Distância**. v.7, n.1, p. 257-275. 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- KOHAN, W. O. Paulo Freire e o valor da igualdade em educação. **Educação e Pesquisa**, v. 45, p. 1-19, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fHZDML53D8X6xT'sRzgHL8Qp/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- KOHAN, W. O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-9, 2020a. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/342400722\\_Tempos\\_da\\_escola\\_em\\_tempo\\_de\\_pandemia\\_e\\_necropolitica\\_School\\_times\\_in\\_a\\_time\\_of\\_pandemic\\_and\\_necropolitics\\_Tiempos\\_de\\_la\\_escuela\\_en\\_tiempo\\_de\\_pandemia\\_y\\_necropolitica](https://www.researchgate.net/publication/342400722_Tempos_da_escola_em_tempo_de_pandemia_e_necropolitica_School_times_in_a_time_of_pandemic_and_necropolitics_Tiempos_de_la_escuela_en_tiempo_de_pandemia_y_necropolitica). Acesso em: 10 nov. 2020.
- KOHAN, W. O. Formação inventiva de professores em tempos de pandemia: o que um louco lúcido nos convida a pensar e escrever? **Mnemosine**, v. 16, n. 1, p. 53-66. 2020b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/52682/34295>. Acesso em: 6 ago. 2020
- KUPFER, M. C. M. O que toca à/a Psicologia Escolar. In: SOUZA, M. P. R.; MACHADO, A. M. (Org.). **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. pp. 55-65.
- LERNER, A. B. C.; FONSECA, P. F.; SAYÃO, Y.; MACHADO, A. M. Plantão Institucional: uma modalidade de intervenção face ao mal-estar contemporâneo na educação. **Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 19, n. 1, jan./abr. p. 199-208. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/81010/84656>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- MBEMBE, A. O direito universal a respiração. **N-1 Edições**. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/53>. Acesso em: 22 mai. 2020.
- MESQUITA, F. Ressignificar bagagem pedagógica para a educação remota. **Diário do Nordeste**, Ceará, 15 de Set de 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/ressignificar-bagagem-pedagogica-para-a-educacao-remota-1.2988945>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- MONTEIRO, S. S. Inventar educação escolar no Brasil em tempos da COVID-19. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, jul./out. p. 237-254, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/552/301>. Acesso em: 17 nov. 2020.

## A escuta inventiva de professores na pandemia: quem é esse sujeito que educa?

PEREIRA, A. J.; NARDUCHI, F.; MIRANDA, M. G.; Biopolítica e educação: os impactos da pandemia de COVID-19 nas escolas públicas. **Revista Augustus**. Rio de Janeiro. v. 25, n.51, jul./out, p. 219-236. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/554/299>. Acesso em: 2 jan. 2021.

TORRES, T. Longe da sala de aula, pandemia mostrou professores heróis. **Campo Grande News**. Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 26 de Dez de 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/longe-da-sala-de-aula-pandemia-mostrou-professores-herois>. Acesso em: 14 jan. 2021.

Recebido em: 12/05/2022

Aceito em: 02/08/2023